

CORREIO NO MUNDO

Ricardo Stuckert/PR



Resposta da UE às ameaças será 'proporcional e unida'

Von der Leyen promete que resposta às ameaças de Trump

A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, prometeu na terça (20) que a resposta do bloco às repetidas ameaças do presidente dos EUA, Donald Trump, sobre a Groenlândia e de impor tarifas sobre oito países europeus será "inabalável" e "proporcional".

"Mergulhar-nos em uma espiral descendente só ajudaria os próprios adversários que ambos estamos tão empenhados em manter fora do cenário estratégico. Portanto, nossa resposta será inabalável, unida e proporcional", afirmou Von der Leyen em discurso durante encontro das elites globais em Davos, onde teve início o Fórum Econômico Mundial. No momento, os europeus avaliam um pacote de tarifas sobre 93 bilhões de euros de importações dos EUA.

Pacote de tarifas como resposta

O pacote poderia entrar em vigor automaticamente em 6 de fevereiro, após uma suspensão de seis meses. Outra opção estudada é acionar o "Instrumento Anti-Coerção" (ACI), nunca utilizado até o momento, que poderia limitar o acesso a licitações públicas, investimentos ou atividades bancárias, ou restringir o comércio de serviços, no qual os EUA têm um superávit com o bloco, incluindo serviços digitais.

US Department of Treasury



Scott Bessent minimizou a situação com a União Europeia

"Temido grupo de trabalho europeu"

A União Europeia terá uma reunião nesta quinta-feira (22), em Bruxelas, para discutir qual será a resposta contra as ameaças de Trump. O secretário do Tesouro dos EUA, Scott Bessent, afirmou na segunda-feira que a medida europeia será restrita a formação de um "temido grupo de trabalho europeu", mas que ele acredita que não haverá uma resposta rápida e contundente sobre a ameaça trumpista. "Imagino que eles formarão primeiro o temido grupo de trabalho europeu, que parece ser sua arma mais contundente", comentou Bessent em Davos.

Guerra tarifária no ocidente

O secretário Bessent minimizou a perspectiva de que um conflito comercial renovado entre os EUA e a UE prejudicaria os esforços para aliviar o custo de vida dos norte-americanos. "As tarifas foram o cão que não latiu em termos de aumentos de preços", disse ele, em referência ao fato de a inflação ter acelerado em ritmo mais lento que o esperado.

Macron critica EUA

Em vez de lidar com valentões, a Europa prefere o respeito, afirmou o presidente da França, Emmanuel Macron, em discurso na terça (20) no Fórum Econômico Mundial, em Davos, na Suíça. Era uma referência indireta a Donald Trump, cujas atitudes recentes colocaram em xeque a aliança histórica com os europeus.

Valentões

Macron discursou em inglês e usou a palavra "bullies", que pode ser traduzida como "valentões. O presidente francês não citou diretamente o nome de Donald Trump em sua fala. O argumento central foi uma defesa de uma Europa mais forte para se proteger em um mundo cada vez mais imprevisível.

Larry Fink

"Diante da brutalização do mundo, a França e a Europa devem defender um multilateralismo eficaz, porque ele serve aos nossos interesses e aos de todos que recusam se submeter ao domínio da força", disse. Depois do discurso, Macron falou no palco com o bilionário americano Larry Fink, dono do fundo BlackRock.

Ameaça de Trump

Nessa conversa, fez uma referência mais direta à ameaça de Trump de impor tarifas de 200% sobre "os vinhos e o champanhe franceses", caso a França recuse o convite para participar do comitê proposto pela Casa Branca para gerir o futuro de Gaza. "Não faz sentido haver tarifas entre aliados, e até ameaçar agora com tarifas adicionais", afirmou.

Proteger produtores

Questionado novamente sobre a ameaça de Trump pelos repórteres na saída do auditório, Macron de novo respondeu de forma genérica que: "Não devemos nos deixar impressionar. Protegeremos todos os nossos produtores", afirmou o francês.

Por Andre Fontenelle (Folhapress)

Bélgica diz 'basta!'

Em Davos, Bart de Wever, primeiro-ministro da Bélgica, afirmou que os Estados Unidos "cruzaram tantas linhas vermelhas" que é necessário que a Europa se posicione e diga "basta!". Segundo o Belga, a Europa foi "leniente" por conta da Ucrânia e agora corre risco de ser um "escravo miserável" dos EUA.



Segundo mandato de Donald Trump completou um ano

Novo mandato de Trump é marcado por cortes

Crises humanitárias aumentaram no mundo após cortes dos EUA

Por Cláudia Collucci (Folhapress)

O primeiro ano do segundo mandato de Donald Trump marca o maior recuo dos Estados Unidos em décadas de ajuda internacional de saúde, com efeitos que já se fazem sentir em hospitais, campos de refugiados e programas de combate a doenças na África, no Oriente Médio e no sul da Ásia.

Aos cortes bilionários nos programas da Usaid, agência de ajuda externa dos EUA extinta oficialmente em julho passado, soma-se a retirada americana da OMS (Organização Mundial da Saúde), iniciada logo após Trump ter tomado posse, em 20 de janeiro de 2025. O processo dura um ano e termina nesta semana.

Na última terça (13), o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, disse que a retirada tornará os EUA e o mundo menos seguros. "Lamento profundamente essa decisão. A retirada da OMS é uma perda para os Estados Unidos e para o resto do mundo. Não é a decisão certa", afirmou Tedros em entrevista à imprensa, em Genebra.

A saída oficial dos EUA da OMS ocorre no mesmo momento em que estudos mostram que os cortes promovidos por Trump na ajuda internacional já estão tendo impacto sobre a mortalidade em países pobres.

Uma pesquisa do CEPR (Center for Economic and Policy Research), publicada em dezembro de 2025, indica que a retração do fi-

nanciamento americano pode estar associada a um número de mortes adicionais entre 500 mil e 1 milhão em 2025. O valor pode chegar a 1,6 milhão por ano se os compromissos futuros de gasto não forem retomados.

Os Estados Unidos seguem sendo, em termos absolutos, o maior financiador mundial de saúde global e assistência humanitária. Em janeiro de 2025, a Casa Branca anunciou uma "pausa" nos desembolsos da Usaid, seguida pelo cancelamento em massa de convênios e contratos, formalizados pelo secretário de Estado, Marco Rubio.

A decisão, justificada como um esforço para eliminar desperdícios e ônus ao povo americano, desorganizou cadeias globais de fornecimento de medicamentos, alimentos terapêuticos e serviços de emergência.

Nas últimas semanas, o Departamento de Estado dos EUA informou que negociou acordos com 16 países africanos para fornecer mais de 11 bilhões de dólares em ajuda à saúde nos próximos cinco anos, em um novo modelo de auxílio que substitui o que era oferecido pela Usaid e que está condicionado a um compromisso de cofinanciamento do país parceiro.

Enquanto isso, os efeitos combinados dos cortes e do isolamento institucional em 2025 já são visíveis. Convênios cancelados pela Usaid sustentavam, por exemplo, o tratamento antirretroviral (HIV/Aids) de 2,3 milhões de pessoas, segundo estimativas do CEPR.